

A chave do poder no Maranhão

Entrada de Sílvio pára candidato de Collor no Estado do presidente e dá força a Sarney Filho

O último malabarismo do governo Sarney — a articulação da candidatura Sílvio Santos à sucessão presidencial — está intimamente ligado ao movimento das peças no tabuleiro da sucessão no Maranhão, Estado natal do presidente da República. A entrada de Sílvio imediatamente bloqueou as jogadas dos adversários do deputado José Sarney Filho, que se licenciou do mandato na Câmara em julho do ano passado e se atirou na campanha ao governo maranhense.

O crescimento de Fernando Collor de Mello e suas grandes chances de disputar o segundo turno fizeram ruir todos os planos da família Sarney de se manter soberana no Maranhão. A liderança de Collor deu fôlego às aspirações do senador João Castelo, também do PRN. Castelo, cria política de José Sarney, acabou se tornando seu arquiinimigo e se aliou ao ex-governador de Alagoas, de quem é coordenador da campanha no Maranhão.

O pro jeto de transformar o deputado Sarney Filho — conhecido nos meios políticos por Zequinha — em sucessor do governador Eptácio Cafeteira nasceu há três anos, na campanha de 1986. Cafeteira fechou acordo com o clã Sarney e se elegeu com o compromisso de apoiar o filho do presidente e se lançar a uma vaga no Senado. “Estou pedindo votos para Sarney Filho”, diz o governador maranhense. “E para mim, que vou para o Senado.”

Compromisso selado, o Maranhão se transformou num canteiro de obras, com a marca do governo federal e a do estadual estampadas em gigantescas placas, ainda que a promoção pessoal de governantes seja proibida pela Constituição. A capital São Luís passou a depender mais das obras do governo estadual que da prefeitura. Com o dinheiro repassado por Sarney para o governo estadual, foi se instalando a imagem de reformador de Cafeteira. Outro movimento passou a tomar forma no plano político de Sarney: numa só jogada, lançar seu filho ao governo do Estado e a filha Roseana à Câmara



Protásio Nêne/AE - 5/4/89

Sarney: mal acomodado com possível interferência de Collor

dos Deputados, além do aliado Cafeteira ao Senado.

O governador do Maranhão, num aparente gesto de desinteresse político, liberou seus comandados para apoiarem quem quisessem na corrida presidencial, já que prudentemente a sua posição — eco da atitude oficial do presidente Sarney — era de absoluta neutralidade. Deputados, prefeitos e vereadores do PDC, partido do governador, aderiram em massa a Collor, dando mais alento ao senador João Castelo, inimigo de Sarney e adversário potencial de Sarney Filho.

A pretensa neutralidade de Sarney e Cafeteira permite que os dois ostentem publicamente um entendimento político perfeito. A única nota dissonante, até agora, foi uma declaração do governador na quarta-feira, contra a candidatura Sílvio Santos. E também, indiretamente, contrária à tendência do Maranhão de se atrelar ao governo federal. Depois da Revo-

lução de 1930, ninguém chegou ao Palácio dos Leões, sede do governo estadual, sem o patrocínio do governo federal.

Se Fernando Collor conseguir se eleger presidente, Sarney Filho correrá risco de perder o apoio declarado de Cafeteira para o senador João Castelo. Daí a decisão do governador de “liberar” seus comandados, que correram para o candidato do PRN. Assessores do presidente concordam em que a eleição de Sílvio Santos, ao contrário, beneficiará a família Sarney. Afirmam, contudo, que ao presidente interessa mais a derrota de Collor, não porque ele o critique, mas pela interferência de sua vitória no Maranhão.

Por esse motivo, a eventual vitória de Brizola — que daria alguma força ao prefeito de São Luís, Jackson Lago — ou de Lula não assusta Sarney. A estrutura de poder permaneceria a mesma no Estado. Com Collor, não.